

A origem oriental de Jacinto (sobre *A cidade e as serras* de Eça de Queirós)

Sérgio Guimarães de SOUSA
Universidade do Minho

RESUMO: Em *A cidade e as serras*, publicado em 1901, Eça de Queirós apresenta-nos um singular protagonista com um não menos singular trajeto: Jacinto, milionário português radicado em Paris, a padecer de uma existência entediante, não obstante — e essa é que é a grande singularidade do herói — viver rodeado de tudo o que a tecnologia da época oferece, que vem a descobrir, afastado dos *gadgets* e da cidade, a felicidade de uma vida campestre simples em Portugal. Esta célebre personagem de Eça tem sido das mais estudadas. E bastante se tem discutido sobre a sua origem. Ora, não deixa de ser curioso ninguém ainda a ter confrontado com um protagonista de Júlio Verne. Refiro-me ao chinês, e também ele milionário, Kin-Fo, personagem principal de *Les tribulations d'un chinois en Chine*. Da comparação, ressaltam inegáveis pontos de contacto entre Jacinto e Kin-Fo, sobretudo o facto de o chinês, tal como o português, se achar a braços com um tédio shopenhaueriano; e, ponto fundamental, o facto de beneficiar da mesma tecnologia que se acha no 202, o apartamento parisiense de Jacinto. Dada a anterioridade da obra de Verne (1879), não custa a crer que *Les tribulations...* tenha servido de inspiração ao romance de Eça.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade, tecnologia, cidade, campo, origem.

ABSTRACT: In *A cidade e as serras*, published in 1901, Eça de Queirós introduces a peculiar protagonist with a no less peculiar lifecourse: Jacinto, a Portuguese millionaire living in Paris and leading a boring existence despite his being surrounded by everything the technology of the time was discovering and could provide. Quite unexpectedly, Jacinto decides to leave all gadgets behind for a simple country life in Portugal. This celebrated character is one of the most studied characters ever penned by Queirós. Quite a lot has been said about his genesis. It is remarkable that nobody has ever associated Jacinto to any of those created by Jules Verne. I am thinking about the Chinese millionaire, Kin-fo, the main character in *Les tribulations d'un chinois en Chine*. Out of such a comparison, quite a lot of coincidences emerge primarily, that of sharing the same technology Jacinto enjoys in his 202, his Parisian apartment, as well as the most fundamental one: their shared shopenhauerian tedium. Since Verne's novel precedes (1879) the one by Queirós, it would not be farfetched to consider *Les Tribulations...* to have influenced Queirós in his novel.

KEYWORDS: Modernity, technology, country, city, origin.

Le bonheur est dans l'étude et le travail. Acquérir la plus grande somme possible de connaissances, c'est chercher à se rendre heureux! [...]

(Jules Verne, *Les Tribulations d'un Chinois en Chine*, 1879).

Enquanto à inteligência, e à felicidade que dela se tira pela incansável acumulação das noções, só te peço que compares Renan e o Grilo [...]

(Eça de Queirós, *A cidade e as serras*, 1901).

1. Das múltiplas (re)leituras de que tem sido alvo *A cidade e as serras*, muitas vezes ressalta a confrontação crítica de Jacinto, protagonista a partir do qual múltiplas conexões se afiguram possíveis, com outras figuras proeminentes. Desde logo, ocorre a inevitável comparação com o seu antecessor queirosiano mais explícito, o Jacinto do conto «Civilização», cotejo fatal a partir do momento em que *A cidade e as serras* se lê, e seria difícil não fazê-lo, como prolongamento romanesco desse conto. Como não ver que ambos os Jacintos se assemelham na condição e no impulso que os define? A princípio nitidamente movidos pelo ideal de acumular ciência, tecnologia e erudição, evoluem, a despeito da modernidade filosófico-tecnológica e da crença inicialmente cega no progresso e nos seus avatares, para um percurso existencial que, em jeito de revisão ideológica, desemboca na simplicidade campestre; e ambos assim descobrem o que é uma vida boa. A perfeita realização de cada um consiste no abandono do saber (o das máquinas e o dos livros), enciclopedicamente acumulado, trocando esse *ethos* mecânico e livresco pela simplicidade da Mãe-natureza (se quisermos, pela conhecida metáfora da natureza como um livro aberto). Enfim, não obstante divergências mais ou menos pontuais, não será necessária clarividência especial para notar o quanto o morador do n.º 202 parece efetivamente assaz tributário do Jacinto do Jasmineiro, o que sustenta em larga porção a hipótese do conto como texto-embrão do romance. Frank F. Sousa recenseou já com demora tanto as evidentes simetrias como as diferenças (*cf.*: Sousa 1996: 159-70), algumas do domínio do pormenor distintivo, o que diz bem do rigor da análise.

Jacinto, porém, como muito bem demonstrou o crítico, ganha em ser lido à luz de outras confrontações menos previsíveis, ou aparentemente menos previsíveis. Nesse sentido, e com inegável pertinência, Frank F. Sousa, que também não deixa com inteira justeza de enfatizar a parceria Jacinto / Zé Fernandes sob a óptica dos modelos clássicos do *Qui-xote* e da *Odisseia* (e de recorrer à conhecida distinção nietzscheana entre visão apolínea e dionisíaca), Frank F. Sousa, dizia, alarga a comparação a dois outros textos de Eça, «Um dia de chuva», sem data, mas provavelmente escrito depois de 1885, segundo crê; e o ensaio sobre Antero de Quental, «Um Génio que era um Santo», que viria a ser publicado no *In Memoriam* (1896), e que permite, de facto, compaginar a figura de Antero com a de Jacinto.

Dir-se-ia faltar neste rol de afinidades talvez a mais óbvia de todas, descontando, como é evidente, a afinidade umbilical, digamos assim, de Jacinto com o seu homónimo do conto «Civilização». Refiro-me, é bom de ver, e já fora da especificidade da narrativa queirosiana, a *Bouvard et Pécuchet*. Em boa verdade, Frank F. Sousa não desconsidera a rele-

vância em Eça desta narrativa de Flaubert, na medida em que menciona a mais-valia da incursão comparativa, *in extremis*, na página final do seu estudo. Ou seja, se não leu *A cidade e as serras* sob o pano de fundo de *Bouvard et Pécuchet*, não descarta, todavia, a conveniência do escrutínio, atestada por algumas conexões plausíveis e imediatamente perceptíveis entre os dois textos, ainda que gerais, isto é, insuficientes para especularmos sem mais uma indexação:

Flaubert, como se sabe, não pôde terminar *Bouvard et Pécuchet*, romance que tem afinidades indesmentíveis com *A cidade e as serras*, sendo ambas obras inconclusas (ou por rever, no caso de Eça), que falam do esgotamento do saber enciclopédico (livresco, teórico) e do esgotamento da crença no progresso (*op. cit.*: 212).

De resto, outro crítico, Osvaldo Manuel Silvestre, num ensaio verdadeiramente notável, detém-se a refletir justamente sobre as ressonâncias desta inconclusa obra de Flaubert no último Eça, que comporta, como sabemos, *A cidade e as serras*. Neste caso, o que está em pauta não é tanto o que avizinha *Bouvard et Pécuchet* de Jacinto (e de Fradique), antes o que obsta à contiguidade entre os textos. *Bouvard et Pécuchet*, por exemplo, nutre-se de um programa enciclopédico farsesco que não encontra eco n’*A cidade e as serras*¹.

2. Ora bem, convirá sublinhar agora que todas as afinidades de Jacinto acima referidas, exceptuando as que se prendem com o Jacinto do conto «Civilização», que atulhava no seu palácio livros e máquinas (nos dois Jacintos o triunfo da máquina anda a compasso com a acumulação de saber, acumulação enciclopédica que se perfaz pela insinuação em tudo o que é sítio de volumes indisciplinados), afinidades perfeitamente legítimas e estimulantes do ponto de vista heurístico e hermenêutico, como que rasuram um aspecto nada despidendo da personagem, se não mesmo decisivo, desde logo porque marcadamente característico. Trata-se da sua modernidade tecnológica, ou, se se preferir, esse seu lado *avançado*, que o leva a adotar a tecnologia, embora com as consequências rocambolescas que se sabe. Noutros termos, se o impacto do saber livresco e enciclopédico em Jacinto favorece razões para situá-lo na órbita de certas influências, ainda que com distâncias devidas, resta ver se o saber mais empírico, o que radica na tecnologia (e que acaba por ser um saber que não es-

¹ Escreve, a dado passo, Osvaldo Silvestre: «não estou convencido que essas obras de Eça [*A cidade e as serras* e *A Correspondência de Fradique Mendes*] —e sobretudo o *Fradique*— sejam boas leitoras de *Bouvard et Pécuchet*, pela simples razão de que a sua enciclopédia do século XIX, se tende ao crítico, não tende identicamente à farsa. Por outras palavras, em Flaubert a crítica é já autocrítica e o saber é já o saber do não-saber, ou melhor, o da sagesa insuperável do idiota. Em Eça, o idiota é sempre um proliferante Outro e o herói, chame-se Fradique ou Jacinto, uma encarnação da Razão Crítica. Em consequência, a ironia deste Eça vive desse fundamento securizante que dá pelo nome de Fradique ou Jacinto, alegorias do saber enciclopédico a partir dos quais se define o horizonte do pensável e do risível. O seu impensado é, contudo, a impossibilidade, tematizada por Flaubert no *Bouvard et Pécuchet*, de uma contiguidade e continuidade ontológica de sabedoria e idiotia. A consciência dessa essencial contiguidade define a sagesa das personagens flaubertianas, tanto quanto a sua inconsciência define a arrogância “parisiense” das queirosianas» (Silvestre 2004: 980).

tará à altura do saber superiormente real e concreto da terra, que acarreta uma des-especialização técnico-científica), encontra filiação algures.

Não será nada descabido, ao que creio, começar por sublinhar o contexto (*le ça parle collectif*, diria a sócio-crítica). Isto é, não poucos textos da época refletem sobre esse novo e controverso horizonte que a invenção técnico-tecnológica anuncia². Textos evidentemente científicos mas também ensaísticos, jornalísticos e, claro está, ficcionais. Deste último tipo de textos é exemplo suficiente *A Grande Quimera*. Nesta obra, de 1919, o que parece estar em causa é o imperativo ético de a ciência construir um mundo novo sob a forma da eletricidade e de outros avanços modernos. Em diversas partes do livro fica patente a crença fervorosa do cientista (o protagonista Manuel de Sá) no papel fundamental da ciência ao serviço de uma nova era feita de concórdia e felicidade, o que equivale a dizer, neste caso, que a crença na ciência é, antes de mais, a taxativa fé num messianismo utópico³. Não é difícil perceber que este romance de Teixeira de Queirós (Bento Moreno)⁴, escritor com reconhecido talento na arte da efabulação (pelo menos a que se espera, como é evidente, de um romancista na viragem do século XIX para o XX), retira boa parte da sua pertinência pelo debate que suscita em torno das implicações do conhecimento no progresso civilizacional e, mais especificamente, dos vezos ideológicos que evidencia esse debate⁵. De resto, o tema

² Anote-se que a presença da máquina em Oitocentos se pode ler, como fez Américo António Lindeza Diogo, enquanto domesticação da cultura. Processo menos histórico e mais económico, a domesticação da cultura, de que Jacinto é exemplo flagrante, afigura-se possível no contexto de uma economia capitalista que mais não é do que uma economia de cultura. O retorno à singeleza pastoral, por assim dizer, significa o logro dessa economia e efetiva-se pela imposição de práticas culturais que não arredam o sujeito da terra e das suas correspondentes fórmulas de «excelência empírica». (*cf.* Diogo, 2001: 71.)

³ Eis um exemplo: «Com o invento da dinamite, os sonhos de Manuel de Sá adquiriam plasticidade. As ciências naturais traziam à terra maldita, o imaginado paraíso. O braço do obreiro já descansava à sombra das aplicações do calor e com as descobertas da eletricidade. Só faltava que a química fabricasse o sustento diário dum homem, representado numa pastilha alimentar, como o desejou Berthelot, para haver felicidade completa sobre a terra. Depois disto, os grandes problemas do proletariado inquieto teriam a solução natural, e a equiparação dos homens pelo nivelamento satisfatório das necessidades urgentes da vida, estaria realizada. Os químicos e outros sábios substituiriam o Deus antigo e onipotente, facultando à colectividade social, com mui pequeno esforço, tudo quanto ela precisa para ser ditosa. Estas crenças tornavam-no feliz e satisfeito; trazia o semblante, sempre cheio de ideias alegres» (Queirós, 1919: 63).

⁴ Responsável por uma obra, a vários títulos, merecedora de atenção e demora e, no entanto, algo afastada dos leitores e da crítica literária. Vale a pena aqui citar as palavras de Álvaro Salema: «Francisco Teixeira de Queirós (1848-1919) foi durante todo um século – e continua a ser – uma das mais persistentes vítimas do nosso martirologio dos escritores esquecidos. A tremenda sombra de Eça de Queirós pode ter sido, em funda raiz, a razão da penumbra em que a sua obra de novelista mergulhou. Mas outros períodos houve em que seria justificável a sua ressurreição para novas camadas de escritores e de consequentes leitores a que as características dessa obra deveriam ter motivado um despertar merecido. Nunca assim sucedeu. Exceptuando um ou outro especialista da história literária moderna em Portugal [...], raríssimos a têm lembrado em alongados decénios» (Salema, 1982: 125).

⁵ Já noutra narrativa anterior, *A Caridade em Lisboa* (1901), composta por dois volumes, subintitulados respectivamente *A Esmola* e *A Dor*, a crença na ciência anda a compasso com a esperança de melhorar o mundo, minorando os sofrimentos causados pela miséria. Isto nota-se essencialmente no segundo volume. No primeiro, temos sobretudo a narração da beneficência de um grupo de senhoras da alta burguesia e da aristocracia que, com notório zelo, decidem organizar-se em torno de uma associação («A Esmola»), aju-

do avanço (inexorável, apetece dizer) da ciência e das suas conseqüências, nefastas ou boas, é um tema, insista-se, a que a literatura dos finais de Oitocentos e dos inícios de Novecentos não foi impermeável e ao qual, diga-se, dificilmente escaparia (o efeito pregnante do tema deve-se, obviamente, à notória presença deste na esfera pública e da sua inegável relevância na construção histórica e, sobretudo, política do século XIX em diante; e podemos medir o em diante pelas primeiras décadas do século XX, por exemplo). Deste ponto de vista, Teixeira de Queirós forçosamente nunca seria um caso singular. E não é necessário ser-se um fino conhecedor da história da literatura portuguesa moderna para se saber que em sede literária lusa o romance que porventura melhor tratou desta questão é precisamente *A cidade e as serras*. Jacinto é um consumidor daquilo que os cientistas produzem e bem depressa, como sabemos, ficará desapontado com o progresso que a ciência, bastante circunscrita à invenção mecânica, lhe facultava, acabando por abraçar, sem grandes resistências, uma vida pastoral, longe da cidade e da panóplia de engenhos que nela desfrutava. Este regresso ao campo, numa condição que o abeira de um certo primitivismo, pelo menos à luz de um fim de século fortemente apostado em domar a natureza e impor a força civilizadora do homem, desemboca numa existência plácida e feliz, longe do tédio que o afetava na urbe. Outrora com tudo o que de mais avançado o dinheiro pudesse comprar, agora com bem pouco, Jacinto, antecipando uma certa cultura *new age*, regressa às origens de um Portugal profundo que é, evidentemente, o Portugal marcadamente rural e, como tal, guiado pela Natureza. A renúncia ao progresso e à civilização é assim como que um retorno à Mãe-natureza e a um estilo de vida despojado e que o robustece⁶. Se assim é, não é menos certo,

dando os mais desfavorecidos. A verdade é que deste esforço solidário sobressai a ideia de que o socorro dos mais pobres mais não é (ou pouco mais não será) do que uma forma de tais senhoras, ao fim e ao resto, ocuparem os seus ócios. Já no segundo volume, a solidariedade humana fica mais evidente. Nele, um filósofo epicurista (João da Terra), um médico (Julião Esteves), um químico (Manuel de Sá) e um capitalista (Cláudio de Mendonça) fundam um hospital, vocacionado para crianças e idosos e ainda, ponto fundamental, um laboratório, destinado a apoiar a prática hospitalar. Esta parceria entre a ciência, representada pelo laboratório, e a solidariedade, significada pelo hospital, é reveladora da crença de que o desenvolvimento científico poderia muito bem constituir o advento de uma era de maior justiça social. Já o mesmo não acontece n'*A grande químera*, que recupera as personagens da narrativa anterior. Neste caso, assistimos a um claro desencantamento da ciência. Manuel, coadjuvado por um funcionário, investe o tempo no fabrico de uma bomba, destinada, segundo crê, a melhorar consideravelmente a humanidade. Semelhante invenção possibilitaria, pois, abrir rasgos na natureza, cumprindo em milésimos de segundos o que o homem, com muito esforço, faria em longos e penosos meses ou anos de trabalho. Contudo, o que sucede é que o ajudante de Manuel de Sá faz explodir o laboratório, mutilando Favorita, uma criada do químico, que este bondosamente recolhera na rua e que fora assediada justamente por esse ajudante, que por ela nutria uma paixão arrebatadora e não pouco ridícula. Profundamente abalado com a tragédia, o químico decide então desistir da investigação científica e, em jeito de exílio, recolhe-se ao Alentejo. Na derradeira página do romance, o desfecho disfórico é contrariado, porém, pela sugestão de uma desenlace sentimental. Com efeito, Manuel de Sá, como que tomado por uma epifania súbita, vê em Favorita nada menos do que a «Vénus de Milo!». Esta percepção estética da moça inebria-o e abre de imediato portas ao desejo amoroso.

⁶ Já bem antes disso, Camilo, em *Coração, Cabeça e Estômago*, louvara, não sem alguma ironia é certo, as virtudes salutareias de um regresso à simplicidade do campo. Só que aqui o que estava em jogo era uma visão da cidade nitidamente romântica. Ou seja, o campo, com o empirismo fisiológico do estômago que lhe andava associado, resfriava sem mercê as volubilidades do espírito romântico, a cada passo atropelado pelo coração, que é, como sabemos, o órgão que mais expande idealizações. Numa palavra, Silvestre

porém, que o idealismo científico de Manuel de Sá não encontra eco no culto Jacinto, acomodado num luxo principesco. Apetrechado com o que de mais inovador se apresenta no campo da técnica, o amigo de Zé Fernandes, munido de um arsenal de instrumentos, não abdica de consumir o progresso em prol do seu bem estar. Como quer que seja, uma coisa é certa e talvez seja possível enunciá-la em jeito retoricamente de quiasmo do seguinte modo: os saberes implicados tanto n'*A cidade e as serras* como n'*A grande quimera* constituem saberes distintos e encontram-se, em boa lógica, ao serviço de um fracasso, na justa medida em que resultam não em propósitos de facto emancipatórios mas em não-saberes; e esse fracasso dos saberes, em boa verdade, é que conduz, afinal, ao verdadeiro e último saber, que em Teixeira de Queirós assume a dimensão de uma promissora e plácida felicidade sentimental, despoletada por uma percepção estética e já não química. Ou, para dizer então de outra maneira, se n'*A cidade e as serras*, a felicidade não é de ordem quantificável, vale dizer, não releva da ciência (a Biblioteca do 202) nem da potência (as máquinas), numa palavra, se não decorre de um modo de vida cientista (cfr: Diogo & Sousa 2003: 120), o mesmo se poderá razoavelmente dizer, tudo bem considerado, d'*A Grande Quimera*. Em ambas as narrativas, a felicidade supõe a renúncia a essa vida cientista, comutada por uma propícia vida campestre, que no caso de Manuel de Sá é crível que venha a ser possivelmente tão singela e harmoniosa quanto a de Jacinto.

Seja como for, a questão da tecnologia não andava arredada da ficção, como se vê, como não o andou dos jornais. Dito de outra maneira, foi uma das referências ao futuro (como, aliás, hoje sucede com a inestimável tecnologia digital) que o espaço público, nas suas diversas latitudes, não deixou de registar, mistificar e, sobretudo, questionar. Seria estranho que a ficção, a seu modo, não viesse dar conta desse debate, tão estranho como hoje improvável pensar a literatura sem o horizonte cada vez mais presente das tecnologias da informação e da comunicação (o mundo sem cibernundo). Portanto, Jacinto não foi certamente imune a todo esse debate. É bem provável, para não dizer quase certo, que Eça o quisesse resgatar para o campo da sua ficção, não destoando nisso de outros autores, com a parafernália tecnológica com que inundou o n.º 202 (e cujo fracasso recorda *The electric house* com Buster Keaton). Eça pôs, por outras palavras, as de Frank F. Sousa, «em evidência de maneira clara e original os recentes progressos da ciência, da tecnologia, da filosofia e as suas consequências sobre a existência dos indivíduos do fim do século XIX» (Sousa 1996: 205).

Mas tudo isto não explica, em bom rigor, a origem precisa do comportamento de Jacinto no tocante à tecnologia. Ou seja, não restará outra alternativa que não a de pensar o

da Silva escapa ao ludíbrio romântico da cidade, que anda muito próximo de uma comédia de enganos, porque, no fim de contas, recolheu-se à franqueza rude do campo. Na cidade, macilento e com aspecto pouco sadio, ver-se-ia condenado a uma errância sem tréguas, condenado a saltar de desilusão em desilusão. O campo, afastado das vicissitudes da cidade e onde a performatividade é bem menos evidente e, sobretudo, necessária (no campo as coisas serão o que são e valerão nessa proporção), vicissitudes essas que decorrem em larga dose do parecer e não tanto do ser, o campo, dizia, retempera e desfaz as ilusões românticas da urbe. Em suma, a continuar na cidade, na melhor das hipóteses, Silvestre da Silva seria um naco — e porventura um naco conspurcado — daquilo que passa a ser quando abraça resolutamente a vida campestre.

Jacinto do n.º 202, no que à técnica diz respeito, especialmente a que se materializa em *gadgets*, como apenas a reação criativa de Eça ao progresso tecnológico que a sua época regista? Alternativa não no sentido de desabonar o contexto, antes, entenda-se, no sentido de o suplementar por algo, vamos dizer, mais palpável. Respondo dizendo que, a meu ver, Jacinto, com o seu peculiar *modus vivendi* citadino, ganha em ser objecto de mais um confronto.

3. Em 1879, quer dizer, 13 anos antes de Eça publicar o conto «Civilização», bem antes do volume póstumo *A cidade e as serras* e antes, ainda, convém também assinalá-lo, da edição d' *O Mandarim*, que é de 1880, Júlio Verne dá à estampa um livro intitulado *Tribulations d'un chinois en Chine*. A narrativa, a traços largos, conta o trajeto do milionário Kin-Fo, prestes a casar com a bela Lé-Ou, mas que subitamente fica falido. Kin-Fo lembra-se então de um estratagema: subscreve um seguro de vida, beneficiando a namorada em caso de morte; e convence o amigo, o filósofo Wang, sob juramento, a matá-lo no prazo de dois meses. Ora sucede que Kin-Fo, mal o amigo-filósofo parte para cumprir a promessa, e depois de subscrever o tal seguro, descobre que, afinal —a economia tem destas coisas—, é novamente rico. Ou melhor, ainda é mais capitalista do que era. A partir daqui o milionário faz, como seria de esperar, tudo o que pode para evitar a mão mortífera de Wang, protegido por dois agentes americanos ao serviço da companhia de seguros. As atribuições deste chinês pela China não são sem lembrar as de Teodoro (*O mandarim*) por essas terras de Extremo-Oriente. Dir-se-ia que Eça colheu inspiração nesta narrativa empolgante de J. Verne⁷, tanto mais que Teodoro e Kin-Fo começam por apresentar um tédio motivado por uma notória insatisfação existencial, que na personagem de Eça, como é sabido, tem a ver com uma existência medíocre. Na de Júlio Verne, o tédio provém do excesso de riqueza que conduz a um modo de vida desprovido de emoção. Kin-Fo dispõe de tudo o que o dinheiro é capaz de proporcionar, por isso nada parece haver que o possa libertar de uma experiência tedienta. E o tédio assume as proporções de uma resistência lânguida à ação. Este aspecto permite, desde já, tecer uma ponte com o Jacinto shopenhaueriano, também ele enormemente rico e a braços com o tédio (nada o impressiona e nada parece acontecer de novo; a ida para o campo, como se sabe, responderá radicalmente a este existência aborrecida), e deixa pressentir que as afinidades não se ficarão por aqui. De facto, Kin-Fo é-nos apresentado como «un de ces modernes habitants du Céleste Empire, déjà “européanisés” par leurs études, leurs voyages, leurs fréquentes communications avec les civilisés de l'Occident»

⁷ Aponte-se, já agora, a coincidência, ou não, entre o facto de um dos guarda-costas de Kin-Fo se chamar Craig e o facto de Teodoro receber a notícia de que é fabulosamente rico através de Silvestre Juliano, correspondente, entre outras, de uma Companhia de Hong-Kong chamada Craig and C.º. Refira-se, a propósito, que Craig e Fry (o outro guarda-costas mobilizado pela Companhia de Seguros para proteger Kin-Fo) formam uma parilha de detetives em tudo semelhante aos famosos Dupond/t, que Hergé celebrou. Além de um tanto idiotas, comportam-se como se fossem um só. Ou seja, quando Craig começa uma frase, esta é logo terminada por Fry. Dir-se-ia que Hergé se inspirou, para dizer o mínimo, nesta dupla, por assim dizer, siamesa de detetives. Tanto mais que a certa altura surgem camuflados de chineses, o que lembra, evidentemente, o disfarce dos Dupond/t n' *O lótus azul*.

(Verne, 2004: 21). E se assim é, é-o porque Kin-Fo «appartenait bien à cette catégorie de gens fortunés qui peuvent vivre sans rien faire» (*op. cit.*: 25). Resta dizer o mais relevante (e a bem dizer o mais atípico) deste estatuto: que Kin-Fo, a quem nem sequer falta a fiel e amistosa relação de um Zé Fernandes sob a pele do filósofo Wang, Kin-Fo, muito à semelhança de Jacinto, vive rodeado, que nem de propósito, de modernidade tecnológica:

Très mêlé au mouvement européen, c'étaient les steamers anglais qui transportaient ses marchandises, c'était le câble électrique qui lui donnait le cours de soieries à Lyon et de l'opium à Calcutta. Aucun de ces agents du progrès, vapeur ou électricité, ne le trouvait réfractaire, ainsi que le sont la plupart des Chinois, sous l'influence des mandarins et du gouvernement, dont ce progrès diminue peu à peu le prestige (*op. cit.*: 26.).

Dir-me-ão que este conjunto de predicados de Kin-Fo, entre os quais o progresso, será não só a condição essencial para que seja rico, mas ainda o resultado (ou a ratificação) da sua excepcional condição de chinês rico. Em ambas as situações, nada obriga a que Kin-Fo seja, na proporção de Jacinto, afeto ao progresso tecnológico no seu quotidiano doméstico. Responderia com mais um excerto, que transcrevo apesar de longo, porque —sejamos claros— diz bem do quanto se poderá ler Eça como leitor de Júlio Verne, ou, se se preferir, do quando se pode ler Jacinto como uma versão (lusa) possível de Kin-Fo. Eis o excerto a que me refiro:

Kin-Fo —on l'a dit et ses goûts le prouvent— était un homme de progrès. Aucune invention moderne des Occidentaux ne le trouvait réfractaire à leur importation. Il appartenait à la catégorie de ces fils du Ciel, trop rares encore, que séduisent les sciences physiques et chimiques. Il n'était donc pas de ces barbares qui coupèrent les premiers fils électriques que la maison Reynolds voulut établir jusqu'au Wousung dans le but d'apprendre plus rapidement l'arrivée des malles anglaises et américaines, ni de ces mandarins arriérés, qui, pour ne pas laisser le câble sous-marin de Chang-Haï à Hong-Kong s'attacher à un point quelconque du territoire, obligèrent les électriciens à le fixer sur un bateau flottant en pleine rivière !

Non ! Kin-Fo se joignait à ceux de ses compatriotes qui approuvaient le gouvernement d'avoir fondé les arsenaux et les chantiers de Fou-Chao sous la direction d'ingénieurs français. Aussi possédait-il des actions de la compagnie de ces steamers chinois, qui font le service entre T'ien-tsin et Chang-Haï dans un intérêt purement national, et était-il intéressé dans ces bâtiments à grande vitesse qui depuis Singapore gagnent trois ou quatre jours sur la malle anglaise.

On a dit que le progrès matériel s'était introduit jusque dans son intérieur. En effet, des appareils téléphoniques mettaient en communication les divers bâtiments de son yamen. Des sonnettes électriques reliaient les chambres de son habitation. Pendant la saison froide, il faisait du feu et se chauffait sans honte, plus avisé en cela que ces concitoyens, qui gèlent devant l'âtre vide sous leur quadruple vêtement. Il s'éclairait au gaz tout comme l'inspecteur général des douanes de Peking, tout comme le richissime M. Yang, principal propriétaire des monts-de-piété de l'Empire du Milieu ! Enfin, dédaignant l'emploi suranné de l'écriture dans sa correspondance intime, le progressif Kin-Fo —on le verra bientôt— avait adopté le phonographe, récemment porté par Edison au dernier degré de la perfection. *op. cit.*: 54-5)

Passível, dir-se-ia, de converter o chinês aos olhos dos demais numa figura razoavelmente excêntrica, que não destoa da do Jacinto de Paris (repare-se no modo surpreendido como Zé Fernandes descobre a tecnologia do n.º 202), toda esta predileção pela tecnologia, com o conforto que supõe, não impede o milionário, não obstante o criado Soun (ge-

nericamente o corresponde de Grilo), de resvalar para a infelicidade, medida pela apatia que ostenta: «[Il] avait, dans la partie matérielle de la vie autant que dans sa partie morale, tout ce qu'il fallait pour être heureux ! Et il ne l'était pas ! Il avait Soun [um criado] pour détendre son apathie quotidienne, et Soun même ne suffisait pas à lui donner le bonheur !» (*op. cit.*: 55-6). Em suma, como se constata, em notável ressonância com Jacinto, Kin-Fo, a despeito da sua imensa fortuna, sofre de um profundo tédio que a tecnologia do mundo não sabe nem saberia suprir.

Face aos trechos acima transcritos, diria que não é propriamente preciso ser-se um leitor arguto para notar pontos de contacto nítidos entre Jacinto e Kin-Fo. A anterioridade do texto de Verne deixa fortemente suspeitar a sua influência sobre o de Eça, o que não custa nada a crer num Eça, como se sabe, que muito se nutriu da literatura francesa e que foi leitor de Júlio Verne. Em todo o caso, está por fazer um estudo comparativo destes dois textos, para definir com mais precisão as balizas dessa influência, estudo, acredito, susceptível de enfatizar, portanto, que se Jacinto se mune de telégrafos, tubos acústicos ou, entre outras tecnologias de ponta, de uma «imensa Máquina de Calcular», é decerto porque antes dele Kin-Fo também usava «un tuyau acoustique» para comunicar com gente ausente da vista e porque o afortunado chinês, entre diversos *gadgets*, dispunha de um fonógrafo, espécie de metonímia da civilização, sem o qual Jacinto, longe ainda de supor a futilidade da tecnologia, receava não superar pura e simplesmente o estado da animalidade: «Só o fonógrafo, Zé Fernandes, me faz verdadeiramente sentir a minha superioridade de ser pensante e me separa do bicho» (Queirós 2010: 19).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIOGO, Américo António Lindeza (2001): *Os caminhos do patriarca. Representação, tempo e romance no «último Eça»*. Braga: Cadernos do Povo.
- DIOGO, Américo António Lindeza & Sérgio Paulo Guimarães de SOUSA (2003): *O Último Eça, O Romance e o Mito*. Braga: Cadernos do Povo-Ensaio.
- QUEIRÓS, Eça de (2010): *A cidade e as serras*. Lisboa: Livros do Brasil.
- QUEIRÓS, Teixeira de (1919): *A grande quimera*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.
- SALEMA, Álvaro (1982). “Teixeira de Queirós, Um Esquecido”. Em *Tempo de Leitura*. Lisboa: Moraes Editora, 125-33.
- SILVESTRE, Osvaldo (2004): “Obras e Cópias. Versões da ironia em *Bouvard et Pécuchet* e n’A correspondência de *Fradique Mendes*”. Em Carlos Mendes de SOUSA & Rita PATRÍCIO (org.): *Largo mundo alumiado. Estudos em homenagem a Vítor Aguiar e Silva*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos / Universidade do Minho, 979-84.
- SOUSA, Frank F (1996): *O Segredo de Eça. Ideologia e Ambiguidade em A cidade e as serras*. Lisboa: Edições Cosmos.
- VERNE, Jules (2004): *Les tribulations d’un chinois en Chine*. Saint-Amand-Montrod (Cher): Rocher / Le Serpent à Plumes.